

do sido vista, o sentimento que se tem de certo modo de já ter visto anteriormente a mesma cena que agora se desdobra ante os olhos, que, entretanto, se sabe nunca ter sido vista de modo sensorial. Se houve alguma experiência prévia da cena, como em um sonho esquecido, não poderia ter sido da natureza da percepção sensorial precognitiva — antecipação de vê-la realmente? Assim também, no caso da experiência espontânea, na qual se vê em uma visão, estando acordado ou em um sonho, um acontecimento que, dentro de algumas horas ou alguns dias depois, contempla-se realmente com os olhos, não poderá ser extensão precognitiva da vista normal ao invés de ESP precognitivo? Não é possível ainda responder a tal pergunta à base da experiência, que é a maneira única de respondê-la. Ainda nem temos uma idéia nítida das diversas possibilidades. A relação inteira entre o tempo e o espírito ainda é obscura, mas é um ponto em que, com boa razão, podemos nos decidir a aprofundar as pesquisas.

Provavelmente, a pergunta principal a respeito da precognição é: Qual a sua eficiência? É o alcance da precisão da precognição que importaria, em grande parte, na maior diferença de significado. Se a precognição fôr ou puder ser algum dia 100 por cento exata, reconhecê-lo afetaria de tal maneira a nossa filosofia da vida que se treme ante as consequências. Tal a verdade especialmente se, além disso, tôda espécie de acontecimentos em qualquer ponto do tempo fôr teoricamente precognoscível; porquanto, se assim o fôr, serão evidentemente todos determinados e inevitáveis. Teriam de ser fixos para serem prognosticáveis. Não existiria liberdade de escolha. Mesmo se alguém soubesse por precognição que estaria em um desastre de trem, não poderia evitá-lo. De que valia poderia ser a precognição para uma pessoa em tal caso? A prova de precognição tão absoluta importaria em fatalismo da qual não poderia verdadeiramente livrar-se qualquer resolução.

São assim irreconciliáveis a liberdade volitiva e o vaticínio perfeito. Se fôr possível controlar os acontecimentos à luz do conhecimento antecipado, impedindo-se de tal modo que se realizem, então, sem dúvida, a precognição seguramente per-

feita não poderia realizar-se. Inversamente, se, na melhor hipótese, a precognição só pode ter precisão limitada, a escolha volitiva disporá ainda de algum campo. Seria então possível não só ver à frente com certa eficiência, mas também escolher o melhor caminho com certo grau de liberdade real.

Semelhante combinação de possibilidades é suscetível de esclarecer-se concretamente com a seguinte história que um senhor idoso, o Dr. L., me contou e a irmã dêle, professora de escola pública verificou, a quem conheço há muitos anos: "Quando era rapaz, tive um sonho que talvez me tivesse salvo a vida. Tinha projetado uma viagem de trem a Burlington e na noite anterior ao dia da partida sonhei que houvera um desastre com o trem e o fogão — naquele tempo aquecia-se o carro de passageiros com um fogão vertical a carvão — caíra por cima de mim, machucando-me gravemente. Fiquei tão aterrorizado com o sonho que abandonei a idéia da viagem por algum tempo, contando-o à família. Muito bem, meu senhor, naquele mesmo dia o trem sofreu um desastre e o fogão caiu em cima de um homem, matando-o."

O Dr. L. aceitou o sonho como verdadeira premonição. Entretanto, acreditava também que até certo ponto ainda estava livre para agir na base do conhecimento profético que recebera. Certamente, assim agiu. Pode perguntar-se se êle seria, conforme supunha, a pessoa a que havia de matar o fogão ao cair se não tivesse mudado de idéia. Mas para isso não há resposta. Sabemos que ocorrem por vêzes sonhos verídicos que não demonstram qualquer correlação lógica com quem sonha, ou na verdade qualquer motivo reconhecível para que ocorra de qualquer maneira. O sonho do Dr. L. pode ter tido ou não algo a ver com a salvação da vida dêle; mas, segundo a narrativa, foi precognição e, ao mesmo tempo, fê-lo alterar o curso da ação.

Há igualmente outra maneira de ver capaz de compreender a vontade livre e a profecia: se os acontecimentos físicos fôssem mais prognosticáveis por meio de ESP do que as questões que implicam em decisões humanas, disporíamos de grau importante de latitude para a liberdade de escolha. Conforme esta hipótese, a previsão de ocorrências futuras na esfera da conduta humana e seus efeitos limitar-se-ia em obje-